



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)**

CURSO DE JORNALISMO

**RELATÓRIO TÉCNICO
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ENTRE O SER E O NÃO SER MÃE: OS VÁRIOS EMBATES SOCIAIS QUE
AFETAM A RELAÇÃO DA MULHER COM A MATERNIDADE**

NOME DA ORIENTADORA:

Mercia Pimentel

NOME DA ALUNA:

Maria Vanessa Ataíde da Silva

**MACEIÓ-AL
2023**

MARIA VANESSA ATAIDE DA SILVA

**ENTRE O SER E O NÃO SER MÃE: OS VÁRIOS EMBATES SOCIAIS QUE
AFETAM A RELAÇÃO DA MULHER COM A MATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL) – Campus A. C. Simões, como requisito parcial para obtenção de diploma.

Orientador (a): Prof. Dra. Mercia Pimentel

**MACEIÓ-AL
2023**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586e Silva, Maria Vanessa Ataíde da.
Entre o ser e o não ser mãe : os vários embates sociais que afetam a relação da
mulher com a maternidade / Maria Vanessa Ataíde da Silva. – 2023.
33 f. : il.

Orientador: Mercia Pimentel.
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e
Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 21-22.

Apêndices: f. 23-33.

1. Mulheres. 2. Maternidade. 3. Mães. 4. Sociedade. I. Título.

CDU: 316-055.2

Folha de Aprovação

MARIA VANESSA ATAIDE DA SILVA

ENTRE O SER E O NÃO SER MÃE: OS VÁRIOS EMBATES SOCIAIS QUE AFETAM A RELAÇÃO DA MULHER COM A MATERNIDADE

Relatório Técnico submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Banca Examinadora:

Orientadora: Dra. Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel
(Universidade Federal de Alagoas)

Examinadora: Lenilda Luna
(Universidade Federal de Alagoas)

Examinadora: Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires
(Universidade Federal de Alagoas)

Dedico a reportagem às mulheres que me ajudaram a descrevê-las e a todas as outras que fazem parte da minha vida e foram meus suporte e apoio durante essa jornada acadêmica. Em especial, dedico à minha mãe, irmã e amigas, mulheres que são minhas referências de força, resiliência e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Otaviano e Verônica, que sempre acreditaram na educação como um instrumento de mudança e de acesso a oportunidades. Agradeço também aos professores e professoras que tive a chance de conhecer ao longo da minha vida e me mostraram ainda mais a importância da valorização e da defesa da educação, principalmente da educação pública. Deixo registrado aqui a minha gratidão mais especial às professoras Antônia e Cláudia, ambas de Língua Portuguesa, com quem tive aulas aos 10 e 13 anos, respectivamente. Apesar de não se conhecerem, de serem de escolas e cidades diferentes, foram inegáveis e essenciais apoiadoras do meu sonho de ser jornalista, mesmo quando eu não passava de uma criança; incentivaram e alimentaram o meu amor pelos livros, pela leitura e escrita, com seus projetos de criação de histórias e produção de redação; e sempre tinham os melhores conselhos sobre o futuro, da forma mais didática para uma criança aprender e nunca esquecer. Eu nunca esqueci. Por fim, não poderia deixar de agradecer à professora Mercia Pimentel, de quem, infelizmente, não tive a honra de ser aluna, mas fui imensamente abençoada por ser sua orientanda, pois recebi nada menos que a melhor orientação, suporte, apoio e incentivo.

RESUMO

Este relatório é resultado da produção de uma grande reportagem multimídia que aborda os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade. A reportagem apresenta como mulheres se enxergam diante da experiência da maternidade ou da ideia de ser ou não ser mãe. Como referencial teórico foram utilizadas obras e estudos que expõem a percepção e a construção social da relação da mulher com a maternidade, como as de Giddens (1993), Thassia Souza Emidio e Francisco Hashimoto (2010), e Tomaz (2015). Para a produção da grande reportagem multimídia, foi desenvolvida uma metodologia que pode ser sintetizada através das etapas de pesquisa, planejamento, realização de entrevistas com as personagens e fontes, redação da reportagem, organização e edição dos arquivos audiovisuais e diagramação da reportagem. Perante o que foi exposto, o propósito do trabalho é o de noticiar, evidenciar e compartilhar como se sentem as mulheres sobre esse tema que é tão presente em suas vidas, o de ser ou não ser mãe, e como a sociedade se comporta diante da relação da mulher com a maternidade.

Palavras-chave: Mulher. Maternidade. Mãe. Sociedade.

ABSTRACT

This report is the result of the production of a large multimedia report that addresses the various social clashes that the woman's relationship with motherhood has suffered. The report presents how women see themselves in the face of the experience of motherhood or the idea of being or not being a mother. As a theoretical framework, works and studies were used that expose the perception and social construction of the woman's relationship with motherhood, such as Giddens (1993), Thassia Souza Emidio and Francisco Hashimoto (2010), and Tomaz (2015). For the production of the large multimedia report, a methodology was developed that can be synthesized through the stages of research, planning, conducting interviews with the characters and sources, writing the report, organizing and editing the audiovisual files and layout of the report. In view of the above, the purpose of the work is to report, highlight and share how women felt about this topic that is so present in their lives, that of being or not being a mother, and how society behaves in the face of woman's relationship with motherhood.

KEY WORDS: Woman. Maternity. Mother. Society.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 OBJETIVOS | 11 |
| 2.1 Objetivo geral..... | 11 |
| 2.1 Objetivos específicos..... | 11 |
| 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 12 |
| 4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO..... | 17 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 19 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 20 |
| 7 REFERÊNCIAS | 21 |
| 8 APÊNDICES | 23 |

INTRODUÇÃO

Engravidar, gestar, parir e criar. Em um primeiro pensamento, esses quatro verbos parecem definir o processo da maternidade. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Michaelis On-line, a palavra ‘maternidade’ é um substantivo feminino que significa “estado ou qualidade de mãe”. Juridicamente, refere-se à relação de parentesco que liga uma mãe ao seu filho. Etimologicamente, a palavra maternidade tem origem do latim “mater”, que significa mãe.

Nenhuma dessas definições, - gramatical, jurídica e etimológica, no entanto, relacionam a maternidade ao feminino, à condição de realização plena da mulher, a um sonho ou desejo que toda e qualquer mulher – supostamente – possui. Também não definem a maternidade como uma etapa obrigatória da vida de uma mulher, sequer um dos significados abordados traz a maternidade como uma parte essencial da figura feminina e, tampouco, a aborda como um sinônimo do gênero.

No entanto, a sociedade se encarrega de dar vida e voz a todas essas visões que não se enquadram nos significados de maternidade citados no primeiro parágrafo desta introdução. Uma prova dessa afirmação é que ainda é possível ter acesso a discursos sociais, religiosos e/ou políticos que tendem a condicionar o papel da mulher na sociedade à experiência, aceitação e vivência da maternidade, a associá-la à figura da mãe, como se toda mulher, obrigatoriamente, irá viver a maternidade em algum momento da sua vida.

Em uma análise superficial, o encontro da mulher com esse momento – a maternidade – parece ocorrer pela primeira vez quando uma mulher anuncia uma gravidez. Mas, na verdade e na prática, esse confronto pode acontecer muito antes, sem envolver nenhuma possível vida a ser gerada.

Pode ocorrer sempre que uma mulher passa a ser questionada sobre filhos; o porquê de ainda não os ter; que ainda é muito jovem para ser mãe ou que já está muito velha para engravidar; quando ainda criança é incentivada a brincar de mãe e filha com suas bonecas ou quando ganha bonecas, casinhas e eletrodomésticos de brinquedo como presente, enquanto observa o menino ser presenteado com bolas, carrinhos e super heróis.

O papel de mãe é entregue à mulher de forma muito precoce e em circunstâncias que revelam e espelham uma sociedade que enxerga e posiciona a mulher em um local de obrigação natural pela geração de uma vida, sem quase nunca perguntar sobre seus sonhos ou se a maternidade faz parte de seus desejos. É a partir destas pontuações que se torna pertinente questionar até onde as mulheres são condicionadas à maternidade, até onde a pressão e a obsessão social pela maternidade compulsória afeta, influencia e constrói a identidade das mulheres e interferem na sua decisão ou no estado de ser mãe.

Segundo Giddens (1993), houve uma sequência de mudanças na sociedade no final do século XVIII, em relação à compreensão social sobre alguns temas, que acabaram por atingir diretamente as mulheres. O autor pontua três influências responsáveis por essas mudanças que, segundo ele, estavam intimamente interligadas: a criação do lar, a modificação das relações entre pais e filhos e a “invenção da maternidade”.

Giddens diz, ainda, que houve um declínio do poder patriarcal na última parte do século XIX, desencadeando o aumento do controle das mulheres sobre a criação dos filhos, reforçando uma nova característica social, o centro da família se deslocando da “autoridade patriarcal para a afeição maternal” (Giddens, 1993, p.53). Para o autor, a idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade que, segundo ele, foi fortemente associada à feminilidade.

Diante dos questionamentos e fatos aqui expostos, esta produção tem a finalidade de apresentar os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade, como a sociedade interfere na construção da identidade da mulher e da figura da mãe, e de que forma as mulheres se sentem, enxergam e entendem seus encontros com a maternidade.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Produzir uma grande reportagem multimídia para abordar os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade.

Objetivos específicos:

- Apresentar como as mulheres se sentem diante da ideia ou realidade de ser ou não ser mãe;
- Expor as reações sociais sobre a decisão da mulher de não ser mãe;
- Mostrar como a sociedade também afeta, questiona e julga mulheres que decidem viver a maternidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A percepção social da relação da mulher com a maternidade nem sempre foi a mesma. São as mudanças no entendimento sobre como a mulher deveria desempenhar o papel de mãe que informam como a imagem moderna da mulher, ainda fortemente associada à da mãe, ocorreu através de uma construção social.

Como Giddens (1993) expôs, o poder patriarcal foi declinando na última parte do século XIX, muito por causa da separação do lar e do local de trabalho, fazendo com que o domínio do homem sobre os cuidados da família ficasse enfraquecido. Essa nova reconfiguração social entregou maior controle às mulheres sobre a criação dos seus filhos. E é neste cenário que a mulher passa a ser a figura que irá atender às necessidades diretas e essenciais das crianças. Ainda assim, o homem permaneceu exercendo o papel de poder, principalmente como o mantenedor desse lar.

O autor destaca ainda como novo, nesse período, a forte associação da maternidade com a feminilidade. Com esse novo modelo social e familiar, o papel natural da mulher como mãe passou a ser extremamente exaltado como essencial, o que contribuiu diretamente para limitar a função social feminina à realização da maternidade. E assim é apresentado pelo autor:

A idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade [...] O elemento distintivamente novo, aqui, era a associação da maternidade com a feminilidade como sendo qualidades da personalidade – qualidades estas que certamente estavam impregnadas de concepções bastante firmes da sexualidade feminina. (GIDDENS, 1993, p. 54)

O pensamento de que houve um processo para a “invenção da maternidade” também pode ser confirmado e reforçado por Thassia Souza Emidio e Francisco Hashimoto (2010). Os autores apontam que nesse período da história, a maior preocupação do Estado era com a sobrevivência das crianças, uma vez que elas, no futuro, seriam a mão de obra para as fábricas. Foi assim que os discursos e promessas de cidadania para as mulheres que assumissem o bom papel de mãe iniciaram e ganharam força.

Pela primeira vez, as mulheres enxergavam uma forma de se tornar parte importante da sociedade: se desempenhassem a função de mãe ideal e garantissem uma boa criação para seus filhos, visto que eles seriam os responsáveis, futuramente, pelo funcionamento do Estado.

A maternidade, então, passou a ser vista e difundida como um caminho e escolha natural para toda e qualquer mulher, fixando o sentimento de obrigação da maternidade para a existência e validação da figura feminina. Um papel que o Estado e toda a sociedade passaram a distribuir, de que apenas a mulher poderia desempenhá-lo e que deveria exercê-lo com muito sucesso. É assim que os autores colocam esta nova reconfiguração social:

A ideia de amor implantada na sociedade da época, a de que os cuidados e o carinho da mãe eram insubstituíveis para a sobrevivência e conforto do bebê, fez com que esta mãe passasse a aceitar, cada vez mais, a restrição de sua própria liberdade em favor da vida e saúde do filho [...] O papel da mãe foi então sendo traçado e proclamado nas suas funções de amamentação, de cuidado e carinho para com seus filhos e assim a maternidade foi se constituindo e ocupando o espaço de algo agradável e desejável para qualquer mulher. (EMIDIO; HASHIMOTO, 2010, p. 30)

A partir deste novo cenário social, da figura da mulher completamente entrelaçada à da mãe como algo natural e essencial da personalidade feminina, passou-se a criar meninas que precisavam entender essa essencialidade desde cedo. Meninas cresciam ouvindo que deveriam aprender a cozinhar e a cuidar bem do lar para serem aceitas e de forma muito precoce eram confrontadas sobre a maternidade.

Por isso, nos dias atuais, quando a mulher diz que não deseja ser mãe, ela sempre é questionada sobre a sua decisão, como se ela fosse obrigada a se justificar sobre suas escolhas, como se fosse impossível uma mulher não desejar ser mãe, uma anomalia que precisa ser explicada.

Um grupo de mulheres entrevistadas pela Universa, do UOL, em 2020, por exemplo, compartilharam as frases que mais escutam quando afirmam não desejar a maternidade. “Quem vai cuidar de você quando ficar velha?”, “Se você tivesse filho, sua casa seria feliz”, “Mulher nasceu para ser mãe”, “Você vai se arrepender”, “Você é egoísta por não querer ser mãe” e “Está fugindo da sua responsabilidade social” foram apenas alguns dos questionamentos ouvidos por essas mulheres que não desejam a maternidade.

Este grupo de mulheres tem sido classificado como a geração NoMo (sigla para o termo inglês “Not Mothers” que significa “Não Mães”) e que reivindicam “o respeito de uma sociedade fundamentada na crença de que uma mulher tem de dar à luz pelo menos uma vez na vida”. A responsável por esse argumento é a associação britânica Gateway Women, defensora da causa e indispensável para a popularização desta ideia.

É evidente o preconceito e o repúdio nas reações sociais compartilhadas aqui sobre as escolhas dessas mulheres em relação à reprodução. Reações essas que podem rodear o cotidiano das mulheres para o resto de suas vidas. É isso que a romantização e a compulsoriedade da maternidade causa não somente a exclusão e o repúdio social à mulher que decide não seguir as pressões sociais, mas também a privação e a reivindicação constante por direitos reprodutivos.

A maternidade e o amor materno são construções ideológicas, e ainda é possível presenciar a imposição social para que a mulher se torne mãe, como se a única forma de atingir a felicidade plena é aceitando viver a maternidade, o que não deveria ser um fator determinante para definir o que é ser mulher de verdade, mas que é utilizado como um.

Do outro lado deste cenário estão as mulheres que decidem ser mães, mas isso não as livra dos olhares julgadores e avaliadores da sociedade. Neste grupo, as mulheres também se encontram sendo questionadas sobre vários passos de sua relação com a maternidade. São constantemente cobradas por uma maternidade perfeita, precisam lidar com questionamentos sobre ser muito cedo ou muito tarde para ser mãe, sobre a forma escolhida por essa mãe para parir e até sobre as escolhas para a alimentação e cuidados com seu filho. E todos esses cenários são resultado, são reflexo, da construção social da relação e do dever da mulher com a maternidade.

Muitas vezes, a maternidade se torna uma caminhada longa e solitária para a mulher. Uma caminhada, principalmente, exaustiva, repleta de exigências e barreiras. Um estudo realizado em 2019 pela Revista Crescer, através do Departamento de Pesquisa da Editora Globo, com 2.887 mulheres, mostrou que 94% delas relataram ter dificuldade para conciliar a carreira com a maternidade. Preconceito do mercado de trabalho com a mulher que se torna mãe, políticas trabalhistas que não foram pensadas para as mães e falta de flexibilidade no esquema de trabalho estão entre os principais pontos citados por elas.

Ainda segundo o levantamento, 64% das mulheres disseram ter tido a carreira prejudicada pela maternidade, uma vez que elas próprias tiveram de recusar projetos mais ambiciosos ou promoções para terem tempo para o filho ou porque deixaram de ser promovidas em seus locais de trabalho pelo simples fato de serem mães. Nesse contexto, observa-se, curiosamente, como a sociedade age de forma incoerente, cobrando mulheres sobre a maternidade, julgando mulheres que não são mães e, ao mesmo tempo, quando as mulheres

atendem às pressões sociais, ainda assim essa mesma sociedade as rejeita, as diminui como profissionais e em suas capacidades, justamente por serem mães.

Para além da decisão de ser ou não ser mãe um dia, essa construção social do ideal materno e a pressão pela maternidade geram uma série de consequências negativas pessoais e profissionais, como mostrou o estudo, além de inúmeras situações desconfortáveis e de inseguranças. Situações essas que fazem mulheres duvidarem sobre suas próprias escolhas pessoais e profissionais, por serem julgadas como inadequadas ou incapazes para a sociedade. Mulheres que se sentem erradas por seguirem suas vontades, mulheres que são constrangidas, desvalidadas e inferiorizadas por atender seus desejos, seja dizendo sim à maternidade, como também quando dizem não.

Contrapondo o ideal social, há o ideal pessoal da mulher, que geralmente não é atendido. Mas, se fosse, uma boa maneira de começar a exercê-lo, seria deixando de enxergar a maternidade como um sonho e passar a vê-la como uma capacidade. “Sou capaz de ser mãe?”, “É verdadeiramente um desejo?”, “Estou confortável em abrir mão da vida que levo agora para gerar, criar e educar alguém?”, “Meu/minha parceiro/parceira está disposto/a a dividir essa responsabilidade moral e financeira comigo?”, “Tenho acesso a uma rede de apoio que me possibilita criar uma criança?”, “Estou fisicamente e mentalmente saudável para essa escolha?”. Esses são questionamentos que poderiam e deveriam ser a base para a relação da mulher com a maternidade.

E, como acentuou Tomaz (2015), ainda que a maternidade seja uma condição biológica da mulher, essa possível etapa da vida continua sendo uma construção social. Mesmo que os questionamentos sobre os direitos das mulheres e sobre priorizar as próprias vontades ainda não sejam maiores que as pressões sociais quanto à maternidade, eles têm se tornado cada vez mais presentes em discussões, promovidas principalmente pelas ações, movimentos e estudos feministas. Eles tornaram possível uma concepção social e não apenas biológica do feminino, permitindo conceber a maternidade para além da ideia de um destino inescapável da mulher.

São essas discussões, cada vez mais presentes nos meios de comunicação e nas redes sociais, que têm contribuído para a compreensão de que a mulher é a única que pode dizer como deseja viver a maternidade ou se deseja viver a maternidade. Que ser mãe não define seu papel e relevância entre os demais indivíduos. É isso que tem causado a ruptura da ideia de que a maternidade é a condição para a felicidade de uma mulher.

O que se avalia a partir do entendimento de que a fusão social “mulher e mãe” é uma construção social é que, ao questionar essa visão, é possível modificar essa construção e ajudar mulheres a se ouvirem antes de qualquer outra pessoa, a respeitar seus desejos e escolhas em primeiro lugar e assegurar que ela é a protagonista dessa relação com a maternidade, a detentora da única voz que vai dizer como ela vai estabelecer e viver essa relação, se a quer ou a rejeita. Se a rejeita, não deve ser questionada sobre seus motivos, porque seu “não” deve ser suficiente. E se a abraça, ela deve e pode viver essa etapa de acordo com seus desejos e suas escolhas.

Compreende-se que, da mesma forma que a visão atual da sociedade sobre a maternidade ser um sonho de toda mulher foi estabelecida a partir de mudanças sociais, então tornar amplo o diálogo sobre os prejuízos e consequências dessa visão pode abrir o caminho para que cada vez mais a sociedade escute a mulher sobre suas dores, demandas e desejos, compreendendo que a escolha é dela e que a maternidade não está associada à felicidade plena da mulher, que não é uma obrigação, que pode e deve ser vivida como a mulher desejar.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

O primeiro passo para a produção da grande reportagem multimídia foi o de pesquisar na internet para compreender como o tema é visto, abordado, discutido e como se apresenta na rede, até mesmo para conferir se já não havia algum tipo de produto parecido. Os principais sites de busca científica utilizados foram repositórios online de instituições de ensino superior, bancos de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Google Acadêmico, Periódicos Capes e Scielo.

Visto que o tema se tornou válido por, nestas pesquisas, não ter identificado o mesmo recorte de pensamento, a próxima etapa da produção foi a definição do formato do trabalho. A grande reportagem multimídia foi a opção selecionada pela identificação com o produto jornalístico e pelas possibilidades de arquivos que são possíveis disponibilizar em um só trabalho para além do texto escrito, como fotos, áudios, vídeos, artes gráficas, infográficos, etc.

Com as ideias, pensamentos e teorias alinhados e os recortes para a produção da grande reportagem multimídia definidos, a fase seguinte foi a de planejamento do que seria preciso para iniciar a produção do texto da reportagem. Essa foi a etapa em que precisei construir a lista de personagens e fontes especialistas, sendo todas elas mulheres, organizar como entraria em contato com cada uma delas e quais as ferramentas que seriam usadas para esse processo de entrevistas.

Para a lista de personagens, decidi entrevistar: 2 mulheres que já são mães; 1 mulher que ainda não é mãe, mas não descarta a maternidade da sua vida; e 1 mulher que não deseja ser mãe.

Uma segunda lista de entrevistadas também foi confeccionada com as fontes especialistas que trouxeram a análise social sobre a relação da mulher e a maternidade para a reportagem. Neste segundo grupo de entrevistadas, estão: 1 socióloga; 1 psicóloga clínica; 1 psicóloga clínica e perinatal; 1 neuropsicóloga com especialidade em parentalidade consciente e infância saudável; 1 cientista política e especialista em cultura afro-brasileira; 4 líderes religiosas.

No total, foram feitas 13 entrevistas, realizadas através do aplicativo de mensagens WhatsApp, tanto por mensagens escritas, quanto por áudios; de ligações telefônicas; e do aplicativo de videochamadas Zoom.

A etapa de produção começou com a confecção das perguntas para as entrevistas: máximo de 10 perguntas para cada personagem e máximo de 5 perguntas para as fontes especialistas. Logo em seguida, iniciei o contato com todas as mulheres e, na sequência, comecei o processo de decupagem dos áudios e vídeos que continham as respostas de cada entrevistada.

Como uma forma de garantir a organização de todo o material ligado à produção da reportagem, criei uma pasta no Google Drive para que também fosse possível acessar os documentos de qualquer computador ou equipamento com internet.

Com a etapa de coleta das entrevistas concluída, iniciei a produção do texto da reportagem. Em alinhamento com a minha orientadora, produzi uma retransmissão por vez, que era enviada uma vez por semana, às quintas-feiras para o e-mail da docente. A professora tinha acesso ao documento com a produção em um arquivo Word, no Google Drive, onde fazia as observações sobre o material.

Após finalizada a produção do texto da reportagem, a próxima etapa foi organizar os materiais audiovisuais que seriam inseridos nela, o que incluiu avaliar os materiais, produzi-los e/ou editá-los. A reportagem possui o total de: 4 vídeos, 1 áudio, 1 infográfico; 26 fotos e 6 artes gráficas. Para a edição dos vídeos e criação das artes e infográfico foi necessário utilizar as ferramentas Canva e CapCut.

A última etapa desse processo envolveu a diagramação da reportagem, que está hospedada no site Wix.com. Para ter acesso a mais recursos, como domínio próprio, mais espaço de armazenamento, uma vez que a reportagem multimídia exige uma variedade de materiais audiovisuais, e evitar o surgimento de anúncios no site, o que atrapalharia a experiência do leitor, escolhi assinar o Plano Premium e comprar também o domínio do site pelo período mínimo que a ferramenta dispõe, que é o de um ano.

Com o fim de todas essas atividades, a grande reportagem multimídia intitulada como “Entre o ser e o não ser mãe: os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade” foi, finalmente, concluída e está disponível no endereço: <https://www.entreosereonaoser.com/>.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A conclusão da produção do trabalho foi gratificante e reveladora, ao mesmo tempo. Antes mesmo de iniciar essa jornada, acreditava que o maior desafio seria escrever o texto da reportagem, quando na verdade o processo que antecedeu foi necessário para embasar a produção das perguntas para cada uma das 13 mulheres entrevistadas, além, é claro, da realização e condução das entrevistas foi determinante para o resultado da produção.

É visualizando cada um dos processos, tendo neste momento finalizado a grande reportagem multimídia, que consolida o fato de que a etapa de pré-produção, que envolveu muita pesquisa, análises e leituras foi a mais importante para ter total domínio sobre o tema e conseguir construir as perguntas certas, e as mais pertinentes, para que as respostas fossem as verdadeiras responsáveis por conduzir a escrita do texto.

O processo de produção do texto da reportagem em si foi extremamente prazeroso, não fácil ou simples, mas, sim, muito prazeroso. E afirmo que não foi uma etapa fácil pela responsabilidade de ter tantas histórias nas mãos e o desejo de poder contar todos os relatos de maneira clara e em uma leitura fluida e cativante.

E dentre todas as etapas da produção do trabalho, a que mais ansiava por chegar era a diagramação da reportagem. Este era um momento que aguardava com grande ansiedade, afinal, para mim, significaria que, finalmente, teria conseguido produzir a grande reportagem multimídia que encerraria a minha jornada na graduação em jornalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca considerei que o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pudesse ter um impacto tão forte, não apenas profissionalmente, mas principalmente na minha vida pessoal. Pensava que por ter passado por vários estágios e ter atuado em diferentes áreas do jornalismo durante a graduação, verdadeiramente enxergava essa última etapa da formação como mais uma atividade de final de semestre a ser entregue.

No entanto, valioso foi o saldo que esse trabalho deixou. Executá-lo foi, sem dúvidas, um processo de amadurecimento jornalístico em que pude perceber ainda mais a importância da atuação do jornalista, o peso da responsabilidade de carregar tantas histórias e opiniões, de ser a pessoa a quem outros indivíduos confiaram relatos tão íntimos e sentimentos tão difíceis de externar sem julgamentos.

“Julgamentos” e “questionamentos”, inclusive, são duas palavras que aparecem inúmeras vezes neste trabalho, porque rodeiam a vida das quatro personagens em suas relações com a maternidade. Posso dizer até que usam essas palavras quase como sinônimos.

Porém, analisando essa mesma constatação, foi possível perceber que, para o jornalista, no entanto, essas poderiam ser palavras antônimas, afinal o jornalista não está no papel de julgador, mas sim de ouvinte. Essas mulheres confiaram na minha figura de jornalista e confidenciaram suas emoções, experiências e suas vidas, com a certeza de que eu estava ali para questioná-las, nunca para julgá-las.

REFERÊNCIAS

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**. São Paulo, V. 39, n.1. p. 39-56. Jan-Abr, 2016.

DALMONTE, EF. **Webjornalismo e o fazer-refazer jornalístico**. In: **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, para texto e comunidades de experiência** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 118-152.

LONGHI, Raquel Ritter (2015): **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo**. In: 6o Simpósio Internacional de Ciberjornalismo. Anais. Campo Grande, MS.

GIDDENS, A. A transformação da Intimidade. São Paulo: UNESP, 1993.

NO BRASIL, 37% das mulheres não querem ter filhos, diz pesquisa. UOL, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/25/diafragma-esta-em-alta-conheca-os-pros-e-contras-do-metodo-contraceptivo.htm>. Acesso em: 5 de jun. 2021.

EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. PODER FEMININO E PODER MATERNO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA E DA MATERNIDADE. **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 27–36, 2010.

DIAS, Claudia. **“Egoísmo” e “solidão: elas não querem ser mães e contam absurdos que ouvem**. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/13/egoismo-e-solidao-elas-nao-querem-ser-maes-e-contam-absurdos-que-ouvem.htm>. Acesso em: 19 de jun. 2021.

LINO, Clara Maria. **Geração NoMo: nem todas as mulheres querem ser mães**. MULHERES JORNALISTAS, 2020. Disponível em: <https://mulheresjornalistas.com/geracao-nomo-nem-todas-mulheres-querem-ser-maes/saude/>. Acesso em: 19 de jun. 2021.

OSHIMA, Flávia Yuri. **94% das mulheres sentem dificuldades para conciliar maternidade e carreira.** REVISTA CRESCER. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2019/12/94-das-mulheres-sentem-dificuldades-para-conciliar-maternidade-e-carreira.html>. Acesso em: 12 de jun. 2021.

TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 155-166, jun. 2015.

APÊNDICE A - VERSÃO 1 DA PAUTA, ESTA SENDO VOLTADA ÀS PERSONAGENS DA REPORTAGEM

Pauta: Entre o ser e o não ser mãe: os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade

PRODUTOR: Vanessa Ataíde

DATA:

RETRANCA: MULHERES/MATERNIDADE

TIPO: Reportagem multimídia

LOCAL: Maceió

EDITORIA: Sociedade

Marcações:

PERSONAGENS:

Entrevista tipo 1 (mulher que já é mãe)

Quem: Mariana Marques, terapeuta ocupacional

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Quem: Lídia Cecília, publicitária e fotógrafa

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista tipo 2 (mulher que não quer ser mãe)

Quem: Karina Dantas, jornalista

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista tipo 3 (mulher que ainda não é mãe, mas não descarta a maternidade)

Quem: Larissa Góes, empresária e relações públicas

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

FOCO

Entre o ser e o não ser mãe: os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade

FATO

Engravidar, gestar, parir e criar. Em um primeiro pensamento, esses quatro verbos parecem definir o processo da maternidade. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Michaelis On-line, a palavra 'maternidade' é um substantivo feminino que significa "estado ou qualidade de mãe". Juridicamente, refere-se à relação de parentesco que liga uma mãe ao seu filho. Etimologicamente, a palavra maternidade tem origem do latim "mater", que significa mãe.

Em nenhum momento essas definições, - gramatical, jurídica e etimológica, relacionam a maternidade ao feminino, à condição de realização plena da mulher, a um sonho ou desejo que toda e qualquer mulher – supostamente – possui. Também não definem a maternidade como uma etapa obrigatória da vida de uma mulher, sequer um dos significados abordados traz a maternidade como uma parte essencial da figura feminina, muito menos abordam o processo de ser mãe como um sinônimo do gênero.

No entanto, a sociedade facilmente dá voz a todas essas visões que não se enquadram nos significados de maternidade citados aqui antes. Uma prova dessa afirmação é que ainda é possível ter acesso a discursos sociais, religiosos e/ou políticos que tendem a condicionar o papel da mulher na sociedade à experiência, aceitação e vivência da maternidade, a associá-la à figura da mãe, como se toda mulher passará pela maternidade em algum momento de sua vida.

O papel de mãe é entregue à mulher muito cedo e em circunstâncias que revelam uma sociedade que enxerga e posiciona a mulher em um local de obrigação natural pela geração de uma vida, sem quase nunca perguntar sobre seus sonhos ou se a maternidade faz parte de seus desejos. E, ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, o primeiro encontro da menina/mulher com a maternidade pode acontecer de forma bem precoce, sempre que a sociedade

empurra essa menina/mulher para funções ou atividades que tenham ligação com a função/desempenho de ser mãe.

Exemplos disso são quando uma mulher passa a ser questionada sobre filhos; o porquê de ainda não os ter; que ainda é muito jovem para ser mãe ou que já está muito velha para engravidar; quando ainda criança é incentivada a brincar de mãe e filha com suas bonecas ou quando ganha bonecas, casinhas e eletrodomésticos de brinquedo como presente, enquanto o menino é presenteado com bolas, carrinhos e super heróis.

O QUE QUEREMOS

Vou fazer uma grande reportagem multimídia para mostrar se e como questões sociais podem afetar a relação da mulher com a maternidade; como as mulheres que são mães se enxergam diante da sua maternidade; de que forma mulheres que não querem ser mães ou que ainda não são se veem diante da ideia de ser mãe; se essas mulheres - mães ou não - já foram julgadas por suas escolhas e como se sentem com os julgamentos e questionamentos. Para isso, vou entrevistar perfis diferentes de mulheres - as que já são mães, as que não querem ser mães e as que ainda não, mas não descartam viver a maternidade, – para entender seus pontos de vista e realidades.

Com as mulheres que já são mães quero saber: 1- Você sempre desejou a maternidade? 2 - As pessoas ao seu redor falavam sobre maternidade com você? 3 - Como a sua família enxerga a maternidade? 4 - Você sentia que ser mãe era algo que as pessoas esperavam de você? 5 - Você já foi cobrada ou se sentiu pressionada para ser mãe ou para ter mais filhos? 6 - Já se sentiu julgada pelas escolhas que fez em relação à maternidade e ao seu filho/a? 7 - Em relação à pergunta anterior, houve algum episódio que te chocou ou te deixou triste, incomodou? 8 - Como você avalia a sua vida antes e depois da maternidade? Houve muitas mudanças? 9 - Você acredita que a sociedade cobra que toda mulher seja mãe? 10 - Você acha que depois que são mães, as mulheres perdem espaço ou têm mais dificuldade em conseguir trabalho ou nada muda?

À mulher que não quer ser mãe, vou perguntar: 1 - Como é a sua relação com a temática da maternidade? 2 - Quando você percebeu que não queria ser mãe? 3 - O que te fez decidir sobre a não maternidade? 4 - Você expõe abertamente sua posição entre os amigos, família ou redes sociais? 5 - Você já sofreu algum julgamento ou foi questionada por ter decidido não ser mãe? 6 - Como as pessoas reagem quando você diz que não quer ser mãe? 7 - O que as pessoas te dizem quando você afirma não desejar ser mãe? 8 - Você já foi cobrada pela sociedade para ser mãe? 9 - Você acha que depois que são mães, as mulheres perdem espaço ou têm mais dificuldade em conseguir trabalho ou nada muda?

Com a mulher que ainda não é mãe, mas não descarta a maternidade, quero saber: 1 - Como você enxerga a maternidade? 2 - As pessoas ao seu redor esperam que você seja mãe? 3 - Como você acha que a sua família/amigos reagiriam se você falasse que não quer ser mãe? 4 - Você já sofreu algum julgamento ou foi questionada por ainda não ter sido mãe? 5 - Você acredita que a sociedade cobra que toda mulher seja mãe? 6 - Você acha que depois que são mães, as mulheres perdem espaço ou têm mais dificuldade em conseguir trabalho ou nada muda?

SUGESTÕES DE IMAGENS

- Imagens das mulheres com seus filhos;
- Imagens dessas mulheres trabalhando, fazendo o que gostam;
- Imagens de mulheres grávidas;
- Imagens de famílias em locais públicos.

ANEXOS

LISTA DE PERSONAGENS

Que já são mães:

Mariana Marques, Terapeuta Ocupacional

Lídia Cecília, publicitária e fotógrafa

Que não deseja ser mãe:

Karina Dantas, Jornalista

APÊNDICE B - VERSÃO 2 DA PAUTA, ESTA SENDO DIRECIONADA ÀS FONTES ESPECIALISTAS DA REPORTAGEM

Pauta: Entre o ser e o não ser mãe: os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade

PRODUTOR: Vanessa Ataíde

DATA:

RETRANCA: MULHERES/MATERNIDADE

TIPO: Reportagem multimídia

LOCAL: Maceió

EDITORIA: Sociedade

Marcações:

FONTES ESPECIALISTAS:

Entrevista com a socióloga Ruth Vasconcelos

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a psicóloga clínica Amanda Kely

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a psicóloga clínica e perinatal Nicole Cristino

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a neuropsicóloga Sarah Sampaio

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a cientista política Juliana Silva

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a líder candomblecista Adna Santos

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a líder espírita Ana Paula Reis

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a líder protestante Mêleá Catrin

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

Entrevista com a líder católica Rosângela Talib

Qual formato: áudio, texto, vídeo?

FOCO

Entre o ser e o não ser mãe: os vários embates sociais que afetam a relação da mulher com a maternidade

FATO

Engravidar, gestar, parir e criar. Em um primeiro pensamento, esses quatro verbos parecem definir o processo da maternidade. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Michaelis On-line, a palavra ‘maternidade’ é um substantivo feminino que significa “estado ou qualidade de mãe”. Juridicamente, refere-se à relação de parentesco que liga uma mãe ao seu filho. Etimologicamente, a palavra maternidade tem origem do latim “mater”, que significa mãe.

Em nenhum momento essas definições, - gramatical, jurídica e etimológica, relacionam a maternidade ao feminino, à condição de realização plena da mulher, a um sonho ou desejo que toda e qualquer mulher – supostamente – possui. Também não definem a maternidade como uma etapa obrigatória da vida de uma mulher, sequer um dos significados abordados traz a maternidade como uma parte essencial da figura feminina, muito menos abordam o processo de ser mãe como um sinônimo do gênero.

No entanto, a sociedade facilmente dá voz a todas essas visões que não se enquadram nos significados de maternidade citados aqui antes. Uma prova dessa afirmação é que ainda é possível ter acesso a discursos sociais, religiosos e/ou políticos que tendem a condicionar o papel da mulher na sociedade à experiência, aceitação e vivência da maternidade, a associá-la à figura da mãe, como se toda mulher passará pela maternidade em algum momento de sua vida.

O papel de mãe é entregue à mulher muito cedo e em circunstâncias que revelam uma sociedade que enxerga e posiciona a mulher em um local de obrigação natural pela geração de uma vida, sem quase nunca perguntar sobre seus sonhos ou se a maternidade faz parte de seus desejos. E, ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, o primeiro encontro da menina/mulher com a maternidade pode acontecer de forma bem precoce, sempre que a sociedade empurra essa menina/mulher para funções ou atividades que tenham ligação com a função/desempenho de ser mãe.

Exemplos disso são quando uma mulher passa a ser questionada sobre filhos; o porquê de ainda não os ter; que ainda é muito jovem para ser mãe ou que já está muito velha para engravidar; quando ainda criança é incentivada a brincar de mãe e filha com suas bonecas ou quando ganha bonecas, casinhas e eletrodomésticos de brinquedo como presente, enquanto o menino é presenteado com bolas, carrinhos e super heróis.

O QUE QUEREMOS

Vou fazer uma grande reportagem multimídia para mostrar se e como questões sociais podem afetar a relação da mulher com a maternidade. Uma vez que as personagens dessa reportagem já foram entrevistadas, agora será o momento para trazer reflexões, respostas e análises de fontes especialistas sobre o tema e, principalmente, a partir dos relatos que foram passados pelas personagens. Para isso, vou entrevistar uma socióloga, psicólogas com diferentes especialidades, uma cientista política e líderes religiosas.

Para a socióloga Ruth Vasconcelos vou perguntar: 1 - A maternidade ainda é muito vista como uma questão de gênero, como um fenômeno natural e desejável da condição de ser mulher. É possível, então, identificar quando surgiu ou explicar como foi construída essa ideia de que toda mulher deve/ou quer ser mãe? 2 - Dispositivos ideológicos religiosos e a política, por exemplo, podem ser ferramentas com poder de interferir na escolha da mulher de ser ou não mãe? Esses dispositivos também podem contribuir para moldar ou definir a própria percepção da mulher sobre o seu papel/dever na sociedade? 3 - Qual a sua avaliação sobre o

lugar social da maternidade e como você avalia também a atual relação da mulher com a maternidade? 4 - Atualmente, a percepção social da mulher ainda está muito relacionada à figura da mãe. Você acredita que essa visão pode mudar totalmente algum dia? E quais fatores podem contribuir para essa mudança? 5 - Ainda hoje, a escolha da não maternidade provoca estranhamento e até reprovação por parte da sociedade. Mas, esse comportamento não estaria tirando da mulher a sua autonomia, o direito de administrar a sua vida - direito esse adquirido pelas mulheres a partir da Constituição de 88, que reconhece a mulher como um ser humano capaz, em igualdade com o homem?

À psicóloga Amanda Kely vou perguntar: 1 - Como você avalia/caracteriza a maternidade? 2 - De que forma a maternidade pode impactar a vida de uma mulher? 3 - O ambiente externo pode interferir na forma como mães se enxergam diante da sua própria maternidade? 4 - As mães que entrevistei para essa reportagem relataram dificuldades em lidar com a maternidade real, afirmando que não esperavam que a experiência fosse tão desafiadora quanto tem sido para elas. Qual a sua orientação diante desse relato? O que as mães podem fazer para gerenciar as expectativas relacionadas à maternidade? 5 - Qual a importância do acompanhamento psicológico durante e após a gravidez?

Para Nicole Cristino vou perguntar: 1 - Como nasceu a campanha maio furta-cor? 2 - Qual o objetivo dessa iniciativa? 3 - Como você avalia a campanha 3 anos após a criação dela? 4 - O mês de maior atividade do movimento deve ser em maio, certo? Mas, há outras atividades realizadas de apoio às mães no restante do ano? 5 - Como as pessoas podem apoiar ou ajudar a campanha?

À psicóloga Sarah Sampaio vou perguntar: 1 - Como você avalia a experiência/processo da maternidade? 2 - Uma das mães que eu entrevistei disse que "quando nasce uma mãe, nasce uma culpa" ao se referir a momentos da maternidade em que se sentiu culpada por não ser a mãe perfeita que tinha idealizado. Por isso, eu quero saber: esse sentimento de culpa surge a partir do momento que a mulher se torna mãe ou é algo que vem antes da maternidade? 3 - Quais os prejuízos que normalizar ou não tratar esse sentimento de culpa pode

trazer para a vida da mulher e para a relação com o seu filho? 4 - O que as mães podem fazer para não assumir o sentimento de culpa na maternidade como uma verdade absoluta? 5 - Como as mães podem buscar ajuda quando se sentirem sobrecarregadas mentalmente?

Com a cientista política, Juliana Silva, quero saber: 1 - Como as religiões de matrizes africanas enxergam as mulheres? 2 - Como a mulher que é mãe é vista e tratada dentro da religião? 3 - Quais são as referências de mulher e mãe dentro das religiões afro-brasileiras?

Com as líderes religiosas quero saber: 1 - Qual a visão do candomblé/espiritismo/protestantismo/catolicismo sobre a mulher? 2 - Qual o entendimento da religião sobre a mulher como mãe? 3 - Como a maternidade é vista dentro da religião? 4 - O que a sua religião diz sobre mulheres que não desejam ser mães? 5 - A sua comunidade religiosa tem algum projeto de apoio/suporte para as mães?

SUGESTÕES DE IMAGENS

- Imagens dessas mulheres em seus ambientes de trabalho;
- Imagens das líderes religiosas durante atividades da sua religião.

ANEXOS

LISTA DE FONTES ESPECIALISTAS

Ruth Vasconcelos

Socióloga

Amanda Kely

Psicóloga clínica

Nicole Cristino

Psicóloga clínica e perinatal

- para falar sobre a Campanha Maio Furta-Cor.

Sarah Sampaio

Neuropsicóloga com especialidade em parentalidade consciente e infância saudável

- para falar sobre as consequências que o sentimento de culpa pode trazer para a vida da mulher que é mãe e a relação dela com seu filho.

Juliana Silva

Cientista política, especialista na cultura afro-brasileira

- para falar sobre a mulher e a mãe para as religiões de matrizes africanas

Adna Santos, a Mãe Baiana

Líder candomblecista

Ana Paula Reis

Presidente da Associação Espírita José Eusébio

Mêlea Catrin

Pastora da Igreja do Senhor Jesus Cristo

Rosangela Talib

Coordenadora da organização Católicas pelo Direito de Decidir